



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Toltaba — Lisboa — Telefone 1

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O SINDICALISMO EM MARCHA

O II Congresso da Organização Operária Corticeira

Inicia hoje os seus trabalhos em Lisboa, na sede da Associação de classe dos Fabricantes de Armas

A BATALHA saúda neste dia o proletariado corticeiro do país

É hoje que inicia os seus trabalhos o II Congresso Nacional Corticeiro. Pertencem os operários corticeiros a uma das classes de mais brilhantes tradições revolucionárias; é ela uma das que mais relevo tem dado à organização operária do nosso país, marcando, por vezes, com os seus movimentos grevistas e a sua acção de protesto contra o despotismo dos poderosos, uma nota de destaque e tendo caminhado por muito tempo na vanguarda do movimento social e revolucionário.

Recordar o papel dos corticeiros no movimento social português, quasi que equivale a recordar uma boa parte desse movimento, pois que os operários dessa indústria foram aqueles que mais sofreram a influência da propaganda da época, em que os ecos da «Internacional» e da «Comuna» se manifestavam em tanto imperfeitamente, quanto a ideologia e acção, mas concorrendo poderosamente para o despertar das consciências, que começavam a ser iniciadas no A-B-C das ideias de transformação social, que, com o decorrer dos anos, caminhando de progresso em progresso, aperfeiçoando-se e completando-se, constituem hoje toda uma filosofia revolucionária e transformadora, todo um sistema social apto a dar à vida dos seres humanos uma directriz moral e consciente, cujo objectivo supremo é atingir a perfeição.

Um pouco de história acerca da classe corticeira

Interessados, primeiramente, nas lutas filosóficas daqueles tempos, só mais tarde os corticeiros trataram de organizar os seus baluartes associativos, criando imperfeições como todos os movimentos de uma nova fé, que tem carinhosa e mansuamente falava ao coração do operário, prometendo-lhe redenção da sua triste condição de escravo moderno para o colosso livre e igual perante a Natureza, e mais admirável e justa, que a perversidade dos seus filhos transformados em massa da maior número, que arrasta uma vida de sofrimento e de miséria, quando todos, absolutamente todos, podiam ser felizes.

Durante muitos anos as associações corticeiras foram, por assim dizer, centros de discussão filosófica, onde se debateram, com galhardia, as escolas socialistas, conquistando a primazia a escola libertária, que entre os corticeiros encontrou alguns dos seus mais dedicados e inteligentes propagandistas, que foram sobremaneira atingidos pela obra perseguidora do patronato e dos governantes, sem que um emorecimento empanhasse a sua atitude, mostrando-se sempre todos dispostos a acompanhar com ardor os camaradas das outras classes que igualmente nunca foram poupados à prisão e ao desterro.

Impossível se nos torna acompanhar a evolução associativa da classe corticeira, que mais ou menos tem passado pelas mesmas vicissitudes das outras classes organizadas, cometendo identidades erros, atravessando períodos de acção intensa e animadora e sofrendo períodos de estagnação e de desânimo, mas reflexo de circunstâncias sociais e económicas por que tem passado o país.

Contudo devemos acentuar que os corticeiros na quasi totalidade dos seus movimentos feriram a nota revolucionária, sem dúvida devido à preponderância dos anarquistas, que entre eles estavam e contam muitos adeptos. Com o desenvolvimento da propaganda nitidamente sindicalista, os corticeiros facilmente se adaptaram à nova orientação e tática do associativismo, que tendo perdido as suas características primitivas para ficar sujeito às diferenças das escolas socialistas autoritárias e libertárias, encontrou, enfim, o rumo perdido do campo político, de luta de classe e de melhoria de situação económica e social do proletariado.

Mastadas do seio associativo as preocupações políticas e libertárias, impulsionadas do campo neutro que deve ser o sindicato, um novo período de acção se iniciou para a classe corticeira que empreendeu sem dificuldade os seus movimentos de greve ou de simples protesto, sem ter de renegar as suas reivindicações, pois que as suas reivindicações foram sempre apreciadas com uma notável firmeza revolucionária.

Tem tido momentos de relativa indecisão, eles são bem naturais, pois são o resultado das crises que, mais ou menos, tem afectado todas as indústrias. Conseguindo organizar a sua Federação, logo em 1913 se realizou o seu primeiro congresso, onde se fixou definitivamente a organização da classe baseada na doutrina sindicalista, conseguindo-se assim uma maior coesão dos corticeiros.

Do que tem sido a acção dependida da Federação e qual a influência do primeiro congresso, que fixou nitidamente a orientação e a tática a seguir, está demonstrado na situação dos corticeiros que, sem aquela orientação — a Federação e o ponto de

apoio — o sindicalismo revolucionário, hoje estariam sofrendo as piores condições morais e económicas que a insolação e a avaria dos industriais lhes quizessem impor.

Tem sido pela sua coesão e orientação que a classe corticeira tem conseguido manter o prestígio do seu passado revolucionário, e há de ser por elas que os corticeiros irão de conquista em conquista atingir o ponto culminante que na história ficará gravado como a abertura duma nova era, toda de paz e de felicidade para o género humano, e para cujo estabelecimento cada geração tem concorrido com os seus mais audazes e sinceros elementos, que tem ido até à perda da liberdade e da própria vida,

desenvolver esse tema conforme a estrutura sindical, única forma de levar a classe a manter os direitos adquiridos e a conquistar novos direitos, achados por propor que o Congresso resolva:

1.º A Federação, as associações, secções e comités declaram-se fora de toda e qualquer acção política, independentemente e alheios a todos e quaisquer partidos, que com o mesmo se relacionem.
2.º Reconhecer e aceitar a forma de acção pura e simplesmente dentro do campo económico, social e profissional.
3.º As associações, secções e comités, procurarão a melhor forma de associar o operário corticeiro, durante o prazo máximo de um ano.
4.º Caso haja alguns operários que não queiram associar, sejam os seus nomes publicados em *O Corticeiro*, não lhes sendo prestado qualquer espécie de auxílio, tanto moral como material.

rá trabalhar, sem que comprove o motivo porque não é sindicalizado.
15.º *O Corticeiro* publicará-se nas primeiras e últimas quinzenas de cada mês e será distribuído gratuitamente por todos os camaradas sindicalizados.
16.º As associações, secções e comités nomearão comissões em todas as fábricas, que serão incumbidas:

a) Verificar se todos os camaradas são sócios, e, não o sendo, fazer para que se associem;
b) Defender os interesses económicos e morais de todos os camaradas associados junto dos respectivos patrões ou encarregados.
c) Procurar conhecer a produção industrial, fazendo a competente estatística, ou informar desse facto o organismo central.
17.º No caso de greve, o sindicato da localidade onde a greve se declarar, participará esse facto à Federação, ficando o corpo desta fazer as subscrições que julgar convenientes.

ele concorrem, concluindo por propor que o Congresso resolva:

1.º Que se vote em princípio para que o trabalho passe a ser de jornal, com o salário mínimo, sendo o dia de 8 horas, para todos os operários corticeiros de todo o país.
2.º Que para levar esta finalidade a prática, se inicie uma forte propaganda em todos os centros onde se trabalha em corticeira.
3.º Que a Federação Nacional Corticeira fique a incumbência de pôr em execução a primeira conclusão deste parecer, quando julgar o momento oportuno.
4.º Enquanto se trabalha no regime de empenhada se fixe o preço da mão de obra uniforme para todos os camaradas corticeiros.

O trabalho das mulheres e menores dentro das oficinas

Como se depreende pelo seu título,



Sede da Associação dos Fabricantes de Armas e Offícios Acessórios, onde se realiza o Congresso: 1 Biblioteca — 2 Sala das sessões — 3 Escritório da Cooperativa — 4 Fachada do edifício — 5 Gabinete dos corpos gerentes — 6 Sala de cavaço — 7 Sala de recepção

O II Congresso — Suas razões

Os nossos camaradas corticeiros iniciam hoje os trabalhos do seu segundo congresso corporativo, que, certamente como o primeiro, vai ser o ponto de partida para novas conquistas morais e económicas para a respectiva classe.

A *Batalha*, como porta-voz da organização operária portuguesa, saúda os camaradas congressistas toda a classe corticeira, onde conta verdadeiros amigos, e recorda, nesta hora em que se estudam novos progressos para os trabalhadores da indústria corticeira, a memória dos camaradas que deram o melhor da sua vida para a emancipação da sua classe e do operariado em geral.

Como se nota pelo regulamento do Congresso, que há dias publicámos, são quatro as teses que vão ser apreciadas pelos congressistas, sendo a primeira a da

Organização da classe

Nesta tese afirma-se que a base fundamental de todo o progresso humano reside no espírito associativo e que sem uma base de organização nada propriamente se materializa. Depois de

5.º Nas localidades onde se exerça a indústria corticeira e não existam associações, secções ou comités profissionais, fica a cargo das colectividades mais próximas a missão de constituirlos, participando o facto à Federação.

6.º Nas localidades onde haja número superior a vinte e um operários, constituir-seão associações ou secções, e onde existam número superior a três, comités.

7.º Quando em qualquer localidade não trabalhem mais do que um ou dois operários, deverão os mesmos associar-se na colectividade mais próxima.

8.º Será criada um fundo especial, mediante uma cota suplementar de 2 centavos mensais, destinada a auxiliar os camaradas corticeiros presos por questões sociais, assim como para os que sejam perseguidos pelo patronato e o governo, por delitos que não sejam de direito comum.

9.º Será criada a Confederação confederal e profissional, que custará 12 centavos, que será distribuída pela Federação aos respectivos organismos, constituindo o seu produto fundos do cofre federal.

10.º Cada sócio é obrigado ao pagamento da cota semanal de 10 centavos, que se reparte assim:

a) 25 % para a Federação.
b) 10 % para a Confederação Geral do Trabalho.
c) 5 % para as Unições locais.

d) 10 % para auxílio de viagens aos camaradas em trabalho, quando tenham que se deslocar da terra onde estão, para outra onde encontrem os meios de ganhar a vida, mas que exerçam a nossa profissão.

e) 5 % para os respectivos corpos sociais.
11.º A categoria profissional garantirá a qualidade de federado.

12.º Toda a corticeira que não estiver inscrita na categoria confederal, não pode

niciar para ser distribuído o auxílio material aos grevistas.

10.º *O Corticeiro* será propriedade da Federação e defenderá os interesses morais, materiais e profissionais da classe, não podendo ter orientação diferente daquela seguida pela mesma Federação.

11.º *O Corticeiro* terá o seu director o Secretário Geral da Federação, dois redactores e um administrador, todos pertencentes ao Conselho Federal, os quais ficam incumbidos de redigir o jornal.

12.º O Congresso resolve que as colectividades aqui representadas deem plenos poderes à Federação para que, quando o julgar conveniente, preste o apoio moral e material a qualquer movimento dos demais classes trabalhadoras, quando lhe seja solicitado.

13.º A Federação aderirá à Confederação Geral do Trabalho e às Unições locais.

Trabalho de jornal e salário mínimo, e trabalho de empenhada

E a segunda tese a discutir é, sem dúvida, uma das mais importantes, em que se condena, naturalmente, o regime da empenhada, estudando-se a forma de não serem prejudicados os interesses materiais de ninguém, propondo-se para isso o estabelecimento dum salário mínimo para os corticeiros de todo o país, com o regime de oito horas e de prego da mão de obra uniforme.

No desenvolvimento do tema são considerados os factores materiais, morais, profissionais e industriais que para

esta tese, que é a terceira, constitui um assunto bem interessante e nela se analisa rapidamente os prejuízos que existem para a mulher e para a criança, para a família e para a sociedade, da introdução da mulher e dos menores na indústria, com que unicamente lucra o capitalismo.

A tese, além doutros objectivos, visa a acabar com a exploração de que a mulher e a criança são vítimas dentro das fábricas, e pretende estabelecer este princípio moralizador: que a igual trabalho corresponda paga igual, propondo ao Congresso a aprovação das seguintes conclusões:

1.º Que o trabalho igual, feito pelas mulheres e menores, ao executado pelos homens, seja pago por igual salário.

2.º O Congresso estudará as importâncias que é costume pagarem-se a quem prepara as máquinas para as mulheres e menores trabalharem, diminuindo-lhes as respectivas diferenças, as quais influirão nos descontos dos seus salários.

3.º Que a Federação inicie uma extensa propaganda junto de todos os organismos corticeiros, tendente à conquista das conclusões deste parecer.

Desenvolvimento da indústria corticeira

Examinam-se nesta tese, que é a quarta e última, os factores económicos e industriais que dão aos países maior ou menor preponderância no mundo, conforme as suas riquezas na

APÓS SEIS ANOS

JEAN JAURÈS

Fez ontem seis anos que o grande socialista francês Jean Jaurès, caiu varado por uma bala traiçoeira, no café *Croissant*, em Paris.

Poucos momentos antes tinha estado na redacção do jornal socialista *L'Humanité*, do qual era director político. Segundo relatam os jornais da época, Jaurès tinha tido um dia de trabalho esgotante. Por isso, depois de dar várias instruções ao administrador do jornal, Filipe Landrieu, resolvera ir ao restaurante *croissant*, jantar e voltar novamente ao trabalho. Mal pensava ele que ia encontrar a morte nesse restaurante, ali a dois passos da redacção. Desceu com alguns amigos.

Enquanto esperava a refeição, ia conversando, dando indicações aos seus colaboradores, a Dunois, a Daniel Renault.

Eram vinte e duas horas menos vinte minutos, quando se ouviram dois tiros de pistola. Jaurès caiu pesado e inerte sobre o seu lado esquerdo.

Duma pequena ferida no crânio, corria-lhe o sangue de mistura com uma massa esbranquiçada.

Alguns minutos depois um médico, que fora chamado a toda a pressa, dizia para os amigos silenciosos que rodavam o corpo de Jean Jaurès, estendido sobre uma mesa do restaurante: — Senhores, Jaurès acaba de expirar.

Assim terminou uma vida de trabalho intenso, em prol da causa socialista.

Jean Jaurès nasceu em Castres, em 3 de Setembro de 1859. Morreu em 55 anos incompletos. A sua constituição física era maravilhosamente forte, a sua energia para o trabalho não tinha limites.

Era sobrinho do almirante Jaurès. Fizera os seus estudos no liceu Luis-o-Grande, em Paris, e entrou para a Escola normal superior em 1878. Em 1881 foi-lhe entregue a cadeira de filosofia.

Professor de filosofia no liceu de Albi (1881-1883), depois na faculdade de letras de Toulouse, Jaurès, cuja erudição era imensa, ficou sempre um homem preocupado com todos os altos problemas de filosofia e de moral, que tem apaixonado o homem.

Desde os bancos de escola que, apesar da sua pouca idade, as suas qualidades de orador começaram a afirmar-se, o que indicava já os admiráveis dons de eloquência que mais tarde tem magnificamente se desenvolveram.

Jaurès foi eleito deputado, pela primeira vez, em Tarn, nas eleições de 1885. Apresentou-se numa lista republicana, mas, nessa época o pensamento socialista já despertava nele.

Imediatamente, por um discurso que ele pronunciou em 1886, sobre o ensino primário, tomou o parlamento, como orador, uma situação incomparável.

Mais tarde, na faculdade de Toulouse, foi recebido como doutor em letras, com as teses sobre a *Realidade do Mundo sensível* e as *Primeiras bases do socialismo alemão* em Luthero, Kant, Ficht e Hegel.

Em 1893, apresentou-se na segunda circunscrição de Albi, com um programa francamente socialista. Jaurès acabava, pois, de entregar-se à causa socialista, que serviu com carinho e tenacidade até à morte.

Desde então, com uma actividade intelectual que causou a admiração de todos que o conheciam, com optimismo, ardor e confiança, dedicou-se ao movimento socialista.

Foi orador parlamentar, propagandista popular, entusiasmando as multidões, foliões. Foi tudo.

No período da questão Dreyfus, entregou-se à causa do direito e foi, para os defensores da injustiça, um adversário terrível. Nessa data a reacção conseguiu criar contra ele, entre a multidão ignorante, ódios profundos, que geraram o crime de 31 de Julho de 1914.

A questão Dreyfus, servida também pela defesa admirável de Jaurès, trouxe ao socialismo inúmeros adeptos. Lutou com inigualável energia contra a reacção anti-operária, feita em 1910, durante o período das grandes greves, tam duramente reprimidas.

Mas o que dominava a sua vida era o apostolado pela paz, era a sua *batalha* ininterrupta.

A sua morte coincidiu com o começo da conflagração europeia. Pode mesmo dizer-se que foi a guerra que o matou.

A burguesia armou o braço de Vailant para se ver livre dum inimigo que não perdoava.

Caiu quando a Alemanha, a França e a Austria mobilizavam milhões de homens para o enviar para esse sorvedouro sem fim, ao massacre, ao aniquilamento.

A burguesia completou a sua obra de destruição, arruinou os povos, na ânsia insaciável de reduzir vidas a papel-moeda. Porém, a voz de Jean Jaurès, como a de tantos outros pacifistas anarquistas, socialistas e sindicalistas, ergue-se sobre os escombros, anunciando um mundo melhor, mais sã, mais humano, mais perfeito.

Feitos da "briosa"

O nosso correspondente de Coimbra envia-nos o seguinte recorte de *O Despertar*, bi-semanário republicano daquela cidade, que transcrevemos com comentários, que precisos não são:

Agressão bárbara

Bastam são as vezes em que, ultimamente, o serviço da guarda republicana tem dado azo aos mais asperos comentários.

A volta desta corporação vai-se criando uma atmosfera de antipatia, pois são, a maior parte das vezes, os próprios mantenedores da ordem, o motivo de graves conflitos.

Temos assistido, de perto, a factos que, claramente, demonstram quando é justa essa antipatia, dia a dia avolumando.

Vem isto a propósito dum facto a que assistimos no último domingo, profundamente revoltante em todas as suas fases, desde a obscenidade à mais brutal agressão por parte de soldados daquela guarda.

Um motivo de fútil importância levou um indivíduo a exaltar-se. Um pouco de boa educação, a falta de consideração dum soldado que perto bastaria, seria o bastante para liquidar o assunto. Mas não. Foi com uma mistura de bofetadas e obscenidades que esse exemplar mantenedor da ordem intimou o indivíduo a calar-se. Este, sentindo-se agredido, gritou e, então, foi Troia.

Ao guarda agressor juntaram-se duas ou três patrulhas e deu-se então o espectáculo mais edificante que pode imaginar-se. A agressão tornou-se na mais cruel e deshumana das barbaridades, cobrindo ainda por cima a defesa do desgracado consistia apenas em gritos lancinantes.

Agarrado brutalmente, lá foi até ao quartel entre pontapes e coronhadas furiosamente distribuídas.

Orá, estes espectáculos vergonhosos não podem nem devem repetir-se.

Evite abusos tem de ser cobidos para evitar conflitos graves que podem dar-se.

Feitos da "briosa"

O nosso correspondente de Coimbra envia-nos o seguinte recorte de *O Despertar*, bi-semanário republicano daquela cidade, que transcrevemos com comentários, que precisos não são:

Agressão bárbara

Bastam são as vezes em que, ultimamente, o serviço da guarda republicana tem dado azo aos mais asperos comentários.

A volta desta corporação vai-se criando uma atmosfera de antipatia, pois são, a maior parte das vezes, os próprios mantenedores da ordem, o motivo de graves conflitos.

Temos assistido, de perto, a factos que, claramente, demonstram quando é justa essa antipatia, dia a dia avolumando.

Vem isto a propósito dum facto a que assistimos no último domingo, profundamente revoltante em todas as suas fases, desde a obscenidade à mais brutal agressão por parte de soldados daquela guarda.

Um motivo de fútil importância levou um indivíduo a exaltar-se. Um pouco de boa educação, a falta de consideração dum soldado que perto bastaria, seria o bastante para liquidar o assunto. Mas não. Foi com uma mistura de bofetadas e obscenidades que esse exemplar mantenedor da ordem intimou o indivíduo a calar-se. Este, sentindo-se agredido, gritou e, então, foi Troia.

Ao guarda agressor juntaram-se duas ou três patrulhas e deu-se então o espectáculo mais edificante que pode imaginar-se. A agressão tornou-se na mais cruel e deshumana das barbaridades, cobrindo ainda por cima a defesa do desgracado consistia apenas em gritos lancinantes.

Agarrado brutalmente, lá foi até ao quartel entre pontapes e coronhadas furiosamente distribuídas.

Orá, estes espectáculos vergonhosos não podem nem devem repetir-se.

Evite abusos tem de ser cobidos para evitar conflitos graves que podem dar-se.

A questão dos eléctricos

Conferências da vereação... para ficar tudo na mesma

A vereação da Câmara Municipal teve ontem uma demorada conferência nos paços do Concelho, acerca da questão dos eléctricos, trocando-se impressões com respeito a propostas apresentadas na última sessão.

Também teve uma conferência demorada com a vereação o governador civil.

Como se vê, a vereação apresenta-nos um labor extenuantíssimo...

União dos Sindicatos Operários

No intuito de dar cumprimento a resoluções tomadas na última reunião do conselho de delegados deste organismo, no que respecta à situação anormal porque está passando a Sociedade *A Voz do Operário*, realiza-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Associação do Pessoal dos Tabacos, R. do Mirante, 51-A, 1.º, a primeira sessão pública por esta União promovida, para o que se convida a ela a assistir o operariado associado da mesma instituição, assim como todo o pessoal dos tabacos, em virtude de se este o mais atingido sobre o que na mesma instituição está acontecendo.

NOTAS & IMPRESSÕES

LEITE E BOLOS

Quem, ao domingo, não tenha mais de tamanha prosperidade e se há a al- das circunstâncias, na maioria dos ca- sos circunscrita a uma desconsoladora crise fiduciária nos bolsos, a passar pe- las sebetas e entrapadas ruas da Lis- boa desvergonhada do século XX, não pode deixar de esbarrar, quatro vezes em cada artéria de cinquenta metros, com uns estabelecimentos privilegiada- mente escancarados até às tantas, bor- rados de branco por fora e por dentro, todos eles alvura e fresquidão, de o- produto que vendem aos litros até aos casacos de quem o mede. São as lojas leitarias, infestando a cidade por todos os recantos onde o capital inativo de qualquer descobriu um buraco para o seu negócio, mas infestando-a duma forma perfeitamente chata e tristonha, pela monotonia da característica comu- a todas elas, pela inatacável harmonia com que todas se distinguem dos de- mais estabelecimentos.

Não há ali ninguém a quem não tente o negócio, o que deve ser rendoso. É uma verdadeira praga muito pior do que as dos gafanhotos. Depois, elas não vendem apenas o líquido alvinito que os proprietários acumulam, sem-ra- zio, de leite, antes procurando nas ten- dências gulosas do pacífico cidadão o motivo do engrandecimento constante da loja e o levantamento ininterrupto das suas finanças em exercício. Vendem bolos e pastelinhos até o diabo dizer basta, sabido como é que todo o luso valoroso come doces na cabeça dum ti- nhoso e é um doidinho por tudo quanto com o açúcar se relacione, mesmo longinquamente. E esta inclinação é tanto mais espontânea e digna de men- ção quanto é certo que, já na gaulice ele brincava à mãe do açúcar, a qual brincadeira acabava—isto aqui pra nós—quasi sempre a sério, pela positiva e insofismável rapidez no açúcarar fa- miliar. Com esta aprendizagem e este treino o português não podia deixar de dar um bom guloso como dá, acumu- lando este fraco com uma tal ou qual dose de vigarice que o leva a fazer de grande senhor, na leitaria, comendo aqui, tirando dacolá, e fazendo no res- to uma tal ginástica aritmética que a adição pasteleira é quasi sempre per- surbada por algumas unidades que não entram em linha de conta na prova real da quantia a esportular.

Contudo, a despeito de todas estas tranquiéncias as leitarias vivem, dá- lucros bons e, o que ainda é mais para pensar, multiplicam-se cogumelicamente por toda a banda. Dão provém a sorte, a leitaria fenomenal que converge para estas casas? E' dos bolos? E' do leite? Não sei. Custa acreditar que seja

As greves

Pessoal dos eléctricos

Devido à resolução da Companhia em retirar as regalias já usufruídas, o pessoal mantém-se em greve geral, co- mo fora determinado ontem de madru- gada.

As catrurices daqueles que deviam olhar mais um pouco à situação misera- vel em que vive o pessoal, obrigou este a lançar-se num movimento que a todo transe se empenhava em evitar, mas as- sim não sucedeu e está disposto a só retomar o trabalho quando lhe sejam garantidas as suas justíssimas reclama- ções.

O pessoal reuniu ontem em sessão magna, pelas 14 horas, com uma gran- de concorrencia, para apreciar a mar- cha do movimento.

Fizeram uso da palavra diversos ca- maradas, que exortaram a classe a manter-se unida e enérgica até vitória final, censurando a Companhia por querer que o pessoal continuasse a tra- balhar com uns ordenados irrisórios, e alguns vereadores a quem cabe grande responsabilidade nesta greve, que, em vez de a evitar, concorreram para ela, não se incomodando com o pessoal fôr lançado na miséria e o público pri- vado de carros, só para alcançarem os seus fins, sendo os discursos entrecor- tidos com aplausos por toda a assem- bleia.

A classe mostra-se resolvida a não re- tomar o serviço sem que as garantias que lhe foram cereadas sejam reconhe- ções e pagos os dias de greve, sendo também censurado o procedimento de vários expedientes das estações centrais que se encontram ao serviço, assim co- mo bilheteiros e alguns encarregados que não tiveram a ombridade de aban- donar o trabalho, sabendo que a greve é geral, não estando a classe disposta a consentir que esses camaradas conti- nuem ao serviço visto que também tem compartilhado das regalias alcança- das.

Foi lido o seguinte comunicado do comité central:

Camaradas:—Não podia por mais tempo manter-se uma situação tam an- gustiosa, razão esta porque o comité central, depois de ver resultado nega- tivo em todas as negociações entabola- das pela nossa comissão de melhora- mentos, votou por unanimidade a greve geral da classe. Camaradas:—As causas determinantes deste conflito são já por vos conhecidas, e seria um crime con- sentirmos a redução dos nossos sala- rios, no momento em que os explora- dores de todos os matizes elevam o preço de tudo quanto é indispensável à vida. Enfim, chamaram-nos à luta, e nela nos encontramos dispostos a lutar até à vitória final. Camaradas:—o vos- so comité recebeu notícias pelos seus delegados de comunicação de que a classe acatou fielmente as resoluções do mesmo.

Novamente o nosso comité lembra a conveniência de todos os camaradas não aparecerem em público fardados ou com qualquer distintivo da Companhia. Se assim não suceder, este comité ver-se- há na necessidade de tomar outras me- didas. Camaradas: Coragem, persistên- cia, energia e união, e todos devem gri- tar: viva a greve geral do pessoal da Carril!

Foi também aprovada uma moção com as seguintes conclusões: 1.º Protes- tar energeticamente contra a forma como a polícia ontem obrigou a classe a aban- donar o sindicato, quando aguardava a sua comissão de melhoramentos, algan- do a restrição da luz, mas apenas se encontravam acessos três candieiros de petróleo. 2.º Levantar ao conhecimento da imprensa o conteúdo desta moção.

Foi tirada uma queira em favor dos presos por questões sociais, que rende- u a quantia de 18\$01. Hoje reúne o pes- soal às 15 horas.

Pessoal da Imprensa Nacional

Effectuou-se esta madrugada uma reu- nião em conjunto, entre o presidente do ministério, o ministro do interior, o director da Imprensa e a comissão de- legada do pessoal, ficando o ministro do interior de posse do documento últi- mamente elaborado pelo sr. Luís De- rouet e a comissão do pessoal e que ten- de a solucionar o conflito, satisfazendo as reclamações. Pelas declarações das duas entidades governamentais, depreen- de-se que o aludido documento será ap- roxiado em conselho de ministros na próxima segunda-feira.

Pessoal da Casa da Moeda

Do Comité da greve recebemos a se- guinte nota:

«Reúniu este pessoal, sendo expostos à assembleia as várias demarções reali- zadas pela Comissão de Melhoramentos as quais deixaram a melhor impressã- o no ânimo da assembleia, sendo dada mais uma vez à Comissão a maior pro- va de confiança.

Foi apresentada uma moção para que mais uma vez se publique um manifesto inteirando o público sobre a marcha do movimento.

A assembleia, num gesto espontâneo, fez uma queira que foi distribuída pelos grevistas mais necessitados.

Foi aprovado um voto de louvor à Federação do Livro e do Jornal pela cedência da sala e outro ao jornal A Batalha pela sua atitude e pelo fran- queamento das suas colunas.

Encerrada a sessão, foi aclamado o prosseguimento da greve.

Ferrovários do Val de Vouga

Afim de ser ultimada a questão sus- citada entre a Companhia de Caminhos de Ferro do Val de Vouga e o respectivo pessoal, effectuou-se ontem nova con- ferência entre os srs. ministro do co- mércio, engenheiro Fernando de Sousa, representante da companhia, e a comissã- o do pessoal.

Chauffeurs

Em sessão conjunta, reuniram na sede da associação de classe, para a pre- ciação dos trabalhos da comissão de melhoramentos, que fôr avisar-se com os poucos proprietários de auto- móveis e camions que se conservam ainda remittentes em não aceder às re- clamações dos grevistas.

Durante a sessão, que decorreu com muito entusiasmo, registou-se a adesão de mais sete casas, pelo que a solução da greve, com completo triunfo para os grevistas, está em vias de conseguir-se. Os chauffeurs estão apenas presos por

A BATALHA

O ESPERANTO E OS TRABALHADORES

PROGRESSO! PROGRESSO!

Ouvindo um propagandista do idioma universalizado

Numa das últimas noites, havendo feito uma das nossas visitas à Associação dos Fabricantes de Armas—um dos sindicatos de Lisboa que, como é sabi- do, mais condições de atracção ofere- ce aos respectivos sindicatos, pôsto que, além de bom ar, há ali um grande culto pela higiene e também pelo es- tudo—notámos na sala das sessões um movimento desuado de camaradas de ambos os sexos. Inquirimos do motivo que ali levava aqueles trabalhadores e soubemos então que estava para prin- cipiar a lição do curso de Esperanto, que a referida Associação vem de criar ali.

Não nos tendo deixado os nossos afazeres assistir a essa lição, executada a missão que ali nos levou e a caminho desta oficina, viemos pensando que seria interessante ouvir um dos camaradas da difusão do Esperanto se tem de- dicado. Pretendíamos arquivar na Ba- talha a sua opinião sobre as vantagens da respectiva propaganda e desde logo deliberamos lançar mão à obra.

Um feliz acaso proporcionou-nos, no dia seguinte, esse ensejo.

«Precisamos levantar o nos- so moral acima do nível dos novos ricos»—diz com acerto o nosso entrevistado.

21 horas. A multidão passa apressada a caminho dos teatros, enquanto a campanha do Terras não cessa de tocar, impertinente. E eis que, a cam- inho da rua António Maria Cardoso, encontramos um dos camaradas espe- rantistas, que à causa do Esperanto tem emprestado o melhor da sua boa vontade.

Cumprimentamo-nos e logo a nossa conversa recaiu sobre o idioma univer- sal.

Interessava-nos saber o que diria aquele camarada e ele—digamo-lo de passagem—de modo algo regateou a satisfação desse nosso desejo, porque para ele, presélio ardente, quasi desne- cessárias são as perguntas sobre tal as- sunto.

«Digam-me, camarada—principiámos nós—pensa que o operariado vos ajuda- rá na tarefa a que vos propuzestes?»

«Eu lhe digo, meu amigo. Era de esperar que a numerosa massa operá- ria acorresse aos nossos cursos, porque o Esperanto oferece-lhe um meio de emancipação, pelo menos espiritual, que eu acho duma utilidade inconfes- sável. Com efeito, hoje estamos sujeitos a tantas mentiras dos telegamas do exterior, muitas vezes forjados nos gabi- netes das redacções; estamos sujeitos à impertinência de algumas pessoas que nos aparecem lendo gazetas francesas e inglesas, e que nos olham com arro- gância, como estes superiores, tradu- zido-nos dos diários... o que lhes não parece perigoso conhecer-se, hoje vive- mos numa opressão espiritual neste am- biente acanhado, só de frontando com pessoas que nos dizem que Grãno se não aguenta oito dias, que os políticos nada fazem, que fulano do sindicato de tal é suspeito e, até mesmo, que a mulher de cicrano... enfim um estendal de roupa suja. E, francamente, isto é baixo, é rasteiro, e nós precisamos le- vantar o nosso moral acima do nível dos... novos ricos. E nós necessitamos

duas casas de camionagem e três de automóveis de praça.

O pessoal da praça e de camionagem tem já trabalhado à excepção do das casas ainda intransigentes, mantendo-se estes camaradas na disposição de também não transigirem sem que sejam satisfeitas as suas reclamações.

O comité declara, pois, a greve quasi solucionada com completo triunfo para toda a classe, bem como a abertura do cofre de solidariedade, que já amanhã iniciará a distribuição de subsídios aos camaradas mais necessitados.

A próxima reunião, em sessão con- junta, é amanhã, pelas 20 horas.

Mais uma da "briosa"

Contam-nos—e A Pátria já também se referiu ao facto, fazendo-lhe jus os reparos—que quando da última leva de presos, que saiu do forte de Monsanto para embarcar para a África, aqueles desgraçados andaram de Herodes para Pilatos, pois parece que o oficial coman- dante da força desconhecia o país de embarque.

Este facto fez levantar reparos ao sr. José de Sá Teixeira, que declarou que se sentia cansado e sem forças para continuar a marcha.

O oficial retorquiu-lhe que os presos não podiam falar, ao que o sr. José res- pondou que também não deviam ser tratados como cães.

Tanto bastou para que o referido oficial se atirasse a ele à espadreira, dei- xando-o contuso pelo corpo e com alguns dedos da mão esquerda quasi cor- tidos.

O agredido dá como testemunhas do caso João Lopes, Henrique Alves e Lino Henriques.

Vida cara e difícil

Apreensão de carvão

Os agentes de fiscalização do ministé- rio da agricultura, José Gonçalves de Sousa Barreiros e Lino Alberto da Silva Braga, apanharam anteontem, pelas 13 horas, os carroceiros José Augusto Lo- pes e José Nunes Louro, que andavam a vender 17 sacas de carvão a particula- reza, a razão de 30 centavos o quilo. Le- vados ao posto do teatro Nacional, fôr- am acompanhados pelos mesmos agen- tes e pelo guarda 469 da 4.ª esquadra, até à rua Silva e Albuquerque, 32, onde o carvão ficou depositado, para ser ven- dido ao público ao preço da tabela.

Falsificadores de leite

Pelos agentes do ministério da agri- cultura João da Costa Júnior, Manuel Luís Santiago e José Gomes de Oliveira, fôr am presos, por venderem leite falsificado, Francisco Mendes, Francisco Gonçalves, Francisco Bicho e António Soares Ribeiro, sendo o primeiro es- tabelecido na Amadora e os restantes em Sintra, dando entrada na cadeia desta vila.

Trabalhadores. Lede e propagai A Batalha

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

NA ALEMANHA

E' abolido o serviço militar obriga- tório

BERLIM, 1.—Depois de debates ex- tremamente violentos, o parlamento do Império aprovou em seguida a terceira leitura o projecto do governo imposto pelo acôrdo de Spa, abolindo o serviço militar obrigatório na Alemanha.

Pela supressão da justiça militar e abolição do serviço obrigatório, os par- tidos da direita sofrem dois choques dos mais formidáveis que os coloca na mais irredutível posição.—Rádio.

Em Espanha

Os passageiros dum eléctrico di- cam sobre um grupo de ope- rários

BARCELONA, 31.—A série de crí- mes que traz alarmada esta cidade con- tinua ontem. Há a lamentar novas vítimas inocentes em virtude dos in- cidentes que se dão diariamente nas ruas de Barcelona, os quais parecem for- mados por vezes o aspecto de pequenos combates dando a impressão de nos acharmos numa terra onde grupos de qu- drelheiros se degladiam.

Ontem de tarde dois indivíduos que iam num carro eléctrico fizeram fogo sobre um grupo de operários, que postaram, ficando ferido o passageiro Augustin Gil, filho do director da obra de pasta, o qual faleceu na hora de socorro. Outro tiro feriu Maria Sanz, que pertenceu ao grupo de po- lícia chefiado pelo detective alemão de rio Koenig. O seu estado é grave.

Os autores do atentado foram de- dos, voltando as pistolas contra o po- que tentou linchá-los, fazendo-lhe ali- graves contusões.—Rádio.

Os metalúrgicos de Bilbao re- tomam o trabalho

BILBAU, 31.—Nas reuniões efectua- das pelos operários metalúrgicos, este decidiram aceitar as bases do acôrdo proposto pelos patrões e retomar o tra- balho.

Os carregadores da Sociedade patri- al tem trabalhado na descarga do go- vinda da Argentina.—Rádio.

Em torno da Rússia Vermelha

As forças navais e militares bol- xevistas retiram da Pérsia

THEHERAN, 30.—O governo pers- acaba de ser informado por um rádio- grama de Tchecurine, ministro dos ne- gócios estrangeiros, do Governo so- viético, que todas as forças navais e militares russas se retiraram do territó- rio e das águas da Pérsia. O governo de Moscou afirma que todas as informá- ções tem por objecto fazer crer a persistência de elementos russos em território persa, as quais carecem de absoluto fundamento.—Rádio.

VIDA POLITICA

Comissão pró-presos por questões sociais

Reúniu esta comissão, que aprova a situação de vários camaradas que encontram presos, estando esta com-issão fazendo todos os esforços para ga- rantir donativos para assim os poder auxiliar.

Foi nomeado o delegado que irá ho- je ao Limoeiro visitar os camaradas que ali se encontram presos.

Esta comissão recebeu da adminis- tração de A Batalha, produto de va- rias queixas, a quantia de 22\$00 emais uma apelar para a solidariedade de todos os camaradas que queiram concorrer com qualquer quantia para os presos por questões sociais, a fim de que o faga- das 21 às 23 horas, dirigindo-se à sede da C. G. T., onde se encontra a comissão.

Comunicam-nos o camarada Amíl- car Vilas, preso na enfermaria do forte de Monsanto, que recebeu, por intermê- dio do camarada Joaquim Seabra, a quan- tia de 10\$00, enviada pelo Sindicato Unico Metalúrgico.

Bernardino Xavier, Manuel Ma- ramos, Henrique Paiva, David de Ge- raldo, João Ferreira e Diogo Gomes Júnior, que se encontram detidos no moelmo, recebem visitas no Grupo das 12 às 14 horas.

SINDICATOS

da PROVINCIA

Construção Civil do Seixal.—Re- no dia 28 p. p. para nomear delegado de reunião que se effectua hoje, para fun- ções do Sindicato Operários de Construção Civil, a qual virá assistida um delega- do da C. G. T. a fim de prestar esclarecimen- tos sobre o assunto.

Pede-se a todos os camaradas, espe- cialmente aos da Construção Civil, que se- rem a esta reunião, que se realiza hoje, às 12 horas.

Soldados do norte de Portugal.—Reúniu este sindicato em assembleia ge- ral, e depois de discutidos vários assun- tos, foi aprovada uma proposta do cam- arada Manuel Pereira Jerónimo, do teor seguinte: «Propõem que desde 28 de Julho de- todos os soldados que tenham para si- arca tenham a pagar o seguinte:

1.º—Todo o camarada que não entrar no socio de sua livre vontade, na fundação no prazo de 3 meses, tem de pagar a 2.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

3.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 4.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 5.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

6.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 7.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 8.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

9.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 10.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 11.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

12.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 13.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 14.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

15.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 16.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 17.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

18.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 19.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 20.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

21.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 22.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 23.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

24.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 25.º—Se não entrar a pagar o seguinte: 26.º—Se não entrar a pagar o seguinte:

A energia é só para os pequenos!

Tantas hesitações para quê?

Conta-nos o nosso informador da Arcada...

O sr. ministro do comércio encarregou um técnico de lhe apresentar um relatório acerca da viabilidade de se fazer directa- mente pelo Estado a exploração da mina de carvão de Santa Suzana, em Alcácer do Sal. Consta, porém que surge a dificuldade de se fazer a exploração pelo governo, visto ter sido concedida licença ao sr. Ma- nuel Vicente Ribeiro para ali realizar pes- quisas. Essa licença, concedida durante o esboço, foi renovada pelo sr. José Domingos dos Santos, quando subroga- u a pasta do comércio e termina em Outubro de 1921.

Diz-se contudo que a licença talvez possa ser anulada, por isso que a prorrogação não foi legal e que, a dar-se esse facto, o governo iniciaria imediatamente a explora- ção da mina, por forma intensiva, cons- truído, para condução do combustível, uma linha férrea de Alcácer a Casa Branca, para o que possui já grande parte do ma- terial.

A linha poderia ainda ser montada com rapidez pelas praças de sapadores de ca- minho de ferro, que assim fariam um ma- gnífico tirocinio trazendo apreciável econo- mia para o tesouro.

E nós acrescentamos que um go- verno que, como o actual, tem graves re- lações com o público não pode, se quizer ser tomado a sério, hesitar em promover que imediatamente a mina de Santa Suzana seja ex- plorada, porque nisso vai o interesse das próprias instituições.

Nada de artifícios, senhores gover- nantes! Menos palavras e mais obras!

Em Itália

O jornal socialista «Avanti» denun- cia a presença em Itália dum exército montenegrino composto de 1.000 homens armados e equipados. Este exército está concentrado em Gaet e Formia.

O ditto jornal socialista pergunta quem mantém este exército e para que serve. O deputado Lazzari interrogou o ministro da guerra sobre este facto o qual respondeu que como a questão do Montenegro ainda não havia sido resol-vida, a Itália não poderá negar a sua ajuda aos seus aliados montenegrinos.—Rádio.

Hino revolucionário

A BATALHA

E' hoje posta à venda a segunda edi- ção do hino revolucionário dedicado ao Bso jornal, cuja inspiração mística se move ao aplaudido maestro Tomás del degra e a letra ao poeta operário João Nick, que se esmeraram na interpre- tação do sentimento operário.

Encontra-se à venda na nossa admi- nistração, ao preço de \$10.

Saudações à "Batalha"

O Sindicato dos Operários Alfaiates do Porto aprovou uma moção na sua assembleia magna saudando A Batalha, em virtude dos serviços que este jo- nal lhe prestou durante o último movi- mento.

DA ITÁLIA VERMELHA

O atentado de Bruno Filippi

Julgamento e condenação de Villa e Perego por cumplicidade na explosão duma bomba em 29 de Julho de 1919

ROMA, 25 de Julho.

A Itália, a ridente e a um mesmo tempo miserável Itália, já não é só o país da arte sublime e da fome lastimosa. Ela vai tornando-se também o país da revolução social, pois tudo indica que as chamas do grande incêndio que há de devorar todo o edifício do sistema capitalista irromperão primeiro, e com estranha impetuosidade, desta terra conhecida pela obra notável dos seus artistas e pela miséria sordida dos seus emigrantes, desta terra que tem sido ao mundo revolucionário admirável figura de lutadores, que com a abnegação grandiosa e rara tem sacrificado a sua vida, em rasgos de heroísmo, em prol dos nobres ideais de emancipação humana.

A guerra, pelo seu prolongamento, tem causado a um formidável desequilíbrio económico, colocando os povos na bifurcação da grande estrada da vida: ou eles tomam pelo estreito caminho da direita e continuam sofrendo todos os horrores da dominação burguesa, que fatalmente há de conduzir o mundo a novas e sucessivas catástrofes, ou se decidem pela estrada larga da esquerda, iniciando a marcha com uma acção enérgica, com a certeza de que a revolução, cujas consequências só podem ser funestas para os poderosos, e para os tiranos.

Em Nápoles, tem a Itália o seu grande vulcão, o Vesúvio, mas o país conspícuo no seu todo um vulcão bem mais importante e terrível. O Vesúvio revolucionário que ruga nas profundezas da alma italiana, ameaça destruir com fúria desconhecida a obra perversa do capitalismo, arrestando as populações para a conquista dum mundo novo, por completo diferente do actual.

As multidões tem medo do descalabro, mas na hora presente, no entanto, angustioso que atravessamos, elas são forçadas a agir ou a perecer.

Terão elas a noção de que não devem rezar demasiado longe ou estarão mais uma vez dispostas a caricaturar a revolução?

Essa a grande incógnita que preocupa os espíritos entusiastas e dedicados, que estão sempre prontos a lutar pela causa popular, que ardentemente a ver vitoriosa.

Estabelecido este pequeno preâmbulo, relatemos o desfecho dum pequeno episódio da grande luta social, em que se destacam as figuras revolucionárias que nele intervieram.

Bruno Filippi e o seu acto

Passa daqui a quatro dias o aniversário do atentado de Bruno Filippi e acaba de realizar-se, em Milão, o julgamento do processo que foi instaurado por esse motivo.

Recordemos o facto. A 29 de Julho de 1919, em frente do Palácio de Justiça de Milão, explodiu uma bomba; Bruno Filippi, que a havia arremessado, foi mortalmente ferido e como seus cúmplices foram presos a sua companhia, Maria Zabardi, jovem de dezasseis anos, operária, Helena Meli e os nossos camaradas anarquistas Guido Villa e Aldo Perego, comparecendo agora todos perante o tribunal, acusados de associação criminosa e de atentado por meio de explosivos.

Falando de Bruno Filippi, o defensor Perego disse: «A grande figura que anima com a sua estatura gigante este processo é Bruno Filippi. Os outros processos são autores secundários, vítimas arrastadas pela grande força de atracção do protagonista deste drama.

Bruno Filippi era uma natureza cheia de sinceridade e de ardência, de audácia, de vulcânica paixão; era um romântico exaltado, um anarquista utópico, que arrojou na voragem da morte a luta pelo ideal a sua própria juventude.

Na noite do atentado beijou sua mãe, cariciou sua irmãzinha, despediu-se alegremente de todos os da sua casa e precipitou-se pela escada abaixo para o glorioso destino. Perto de meia hora depois era cadáver.

A heroica figura de Filippi é trágica, mas não é ignóbil; podemos não aprovar o seu acto, mas devemos inclinar-nos ante o seu sacrifício.

O relevo moral deste nosso dedicado camarada era extraordinário, e foi ele que inspirou as palavras altivas e quasi subversivas do advogado em questão. Igualmente foram soberbas e enérgicas as declarações de Villa e Perego.

«Quería vingar os meus irmãos imolados na guerra» — afirmou Guido Villa

Guido Villa apresentou-se altivamente perante os seus julgadores, fazendo as seguintes declarações:

«Sou anarquista e não vos reconheço a vós, meus inimigos, nenhuma autoridade para me julgar. Assumo a inteira responsabilidade dos meus actos, dos quais não me arrependo.

Quería vingar os meus irmãos imolados na guerra capitalista e provocar a revolução social na Itália, e por isso me associei ao camarada Bruno Filippi para, por meio de bombas, excitar o povo à revolta e à destruição do regime burguês.

Em virtude da greve internacional de 20 de Julho de 1919, propuz ao camarada Filippi a execução de vários atentados, que tinham por objectivo fazer saltar as centrais eléctricas e as linhas férreas. Como a greve fracassou, Filippi e eu decidimos comemorar o aniversário do golpe de Biesci com um facto de retumbância. Para este efeito, Filippi fez explodir a bomba que o matou em frente da casa deste tribunal. Não queríamos causar vítimas. Tratávamos de produzir sensação e emoção e de protestar contra a injustiça social. Não me perguntem se conhecia as consequências penais do que vos chamais o meu delito. Conhecia-as. Procedi com plena consciência dos meus actos e com inteira vontade de realizá-los.

Villa mostrou-se destemido e superior ante os defensores da sociedade burguesa, almas de lama que, apoiadas na força inconsciente, se atrevem a arvorar-se em julgadores dos seus semelhantes.

«Os nossos atentados são brincadeiras de crianças, comparados aos actos de guerras» — disse Perego

Aldo Perego, mecânico, de vinte anos, fez também, as seguintes afirmações:

«Sou revolucionário, e não creio nos métodos pacíficos, nem nas reformas, nem no parlamentarismo, nem na evolução. Por isso travei amizade com Bruno Filippi para impelir as massas à revolta e iniciar o levantamento quando qualquer ocasião se levantasse.

Com a bomba do Palácio de Justiça não queríamos causar mortes nem estragos, senão produzir alarme e semear o terror. E ainda que às vezes, nós, os anarquistas, ocasionemos involuntariamente prejuízos e vítimas, os nossos atentados são brincadeiras de crianças comparados com as guerras, com a exploração capitalista, com os crimes infamados cometidos pelos políticos, pelos burgueses, e pelos mantenedores da ordem.

A pergunta que me fazis donde procediam as bombas arremessadas, não posso responder-vos. Nós, anarquistas, não costumamos perguntar ao camarada de nos proporcionar uma coisa, donde vem o que nos entrega. Aquelle que se encarregou duma missão, cumpre-a e nada mais. Eis aí como são e procedem os anarquistas.

Como Guido Villa, Aldo Perego deu provas duma grande firmeza e arrojo, mostrando-se ambos dignos de Bruno Filippi, o valente camarada que caiu vítima da sua temeridade e do seu grande amor à causa revolucionária.

O júri, naturalmente composto de burgueses, no tolo intuito de aniquilar o progresso das ideias anarquistas, deu o crime como provado, resultando Guido Villa e Aldo Perego serem condenados respectivamente em dez e doze anos de prisão.

Maria Zabardi e Helena Meli foram absolvidas.

E os julgadores ficaram, sem dúvida, na crença de que tinham praticado um belo acto de defesa da burguesia, sem repararem no que há no sub-solo social, onde fermentam e incandescentes os grandes desejos duma transformação radical no sistema político-económico da sociedade, conhecendo-se já com clareza as suas aspirações, mas apresentando-se ainda confusas e hesitantes as novas bases em que há de assentar a estrutura social.

Pietro CONTADINO.

A BATALHA

UMA OPINIÃO INSUSPEITA

A rareficação dos produtos

PROMOVIDA PELAS «FORÇAS VIVAS»

EXALTADAS PELO SR. GRANJO

Sabemos muito bem, porque ainda lhe sentimos os efeitos, que, durante a tremenda guerra que vestiu de luto a humanidade, a classe corticeira foi, sem dúvida, uma das que mais sofreram, devido à crise que avassalou a indústria.

Agora observamos nós — o que aliás tínhamos vaticinado após a guerra — um certo desenvolvimento na indústria, no sentido de adquirir a sua antiga situação, a qual, senão fôra a decadência que invadiu o sistema económico que rege a sociedade, seria mesmo ultrapassada.

Devemos reparar que o progresso que a indústria tem feito e que virá a fazer, é caracterizado por uma feição diversa, animado por uma nova orientação, a não ser que estejamos profundamente iludidos com o que se passa.

Certamente que ainda subsiste um sem número de simpatias pela acção que a classe corticeira desenvolveu há uns bons dez anos, por aquela sua vivacidade na luta, sem contempções com o poderio dos seus exploradores.

Muitos foram os movimentos em que ela mostrou as suas qualidades combativas, como por exemplo a sua grande greve em 1910, nas vésperas da revolução republicana.

Em 1915 ainda a classe tinha a sua certa vida, se bem que já mostrasse indícios de enfraquecimento, resultante natural da crise da indústria, que nessa data era já profunda.

Notamos, por consequência, que enquanto a indústria viveu com certa prosperidade, a organização mostrou-se mais ou menos vigorosa, e que uma vez declarada a crise na indústria, a classe quasi que perdeu a acção para a luta.

Não nos restam dúvidas de que os factos desta ordem se devem à pouca dedicação que, no geral, possui a classe operária pelas suas organizações de resistência, e agora mesmo estamos assistindo à repetição do caso.

Observa-se um certo desenvolvimento na indústria e esse facto está-se já reflectindo na organização da classe, cujos movimentos são mais constantes e firmes.

Afirmamos que no progresso da indústria aparece uma nova feição a amá-la e é para esse facto que entendemos que a classe deve estar atenta. Não deve esperar que insistentemente lhe surja nova forma de luta e de progredir, para antes de fazer industrialmente nova, mas procurar descobrir todos os contornos desta e os seus objectivos, pois que as classes operárias que querem acompanhar o progresso, não devem esperar que este os impulsione nem deverão apagar-se às regalias anuais, pois que estas devem servir somente de apoio ou de encargo para a conquista de novas regalias.

Assim deve proceder a classe corticeira, porque só assim caminhará concretamente com a sua missão.

As regalias que a classe corticeira usufrui, à excepção das 8 horas, conquistas ultimamente, são antigas e por isso mesmo não satisfazem as actuais aspirações; precisam ser modernizadas ou substituídas.

Assim temos a portaria, que dando pouco logo no princípio, hoje cremos, que nem se dá pelos seus efeitos, o que não quer dizer que devemos pô-la de parte, e se não podemos modificá-la, o que talvez não seja possível, sirva-mo-nos dela até conseguirmos coisa que melhor satisfaça o momento e os desejos das multidões proletárias; a conquista da fábrica e da ferramenta.

Inicia-se hoje o Congresso, essa magna reunião da classe corticeira, que vai marcar uma nova etapa na sua vida orgânica, e embora se deva ter em atenção o passado, que é o nosso mestre, é preciso que ele não nos absorva.

Procure, pois, a classe encontrar neste congresso a via de acesso à emancipação do operariado, descobrir o que necessita para caminhar e vencer.

Manuel de CAMPOS

Passeio de confraternização a Oeiras

De dia para dia vai despertando maior entusiasmo por esta festa de propaganda e de auxílio à *A Batalha* e ao Grupo promotor, para alargarem a sua esfera de acção e cumprirem a missão para que foram creados.

No programa da festa figura um picnic na praia da localidade, desafios de futebol entre os times dos grupos Sporting, Club Sempre Fixe e Foot-Ball Club Oeirense, no Campo de S. Amaro de Oeiras, os quais ofereceram o seu concurso a festa no desejo de concorrerem, como trabalhadores que são, para o progresso das instituições operárias.

Vêr notícia complementar na quarta página.

Sociedades de Recreio

Grémio Excursionista Civil Progressivo — Realiza hoje a festa de inauguração da bandeira, na sede do Grupo Dramático Aurora Chelense, páteo do Fimino, na estrada de Chelens, com o seguinte programa:

A's 11 horas, a direcção, acompanhada dum grupo musical, cumprimentará as sociedades próximas; das 12 às 15 sessões solene, monólogo pelo amador Custódio da Silva, certamen de fados por diversos cultistas, ao qual a honra de cantor, é a representação de duas comédias em 1 acto, sendo abridorada esta festa por uma tropa de baletistas.

Este Grémio lembra aos seus associados para se porem em dia até 14 do corrente, para facilitar os trabalhos da direcção.

Hino revolucionário

DEDICADO A

A Batalha

Música do maestro Tomás del Negro

Letra de João Black

RECITAÇÃO DE APARECER

2.ª EDIÇÃO

Preço \$10 — Pedidos à administração de *A Batalha*, C. do Combro, 38-A, 2.ª

sobre as causas do mal, no mesmo artigo, e que passamos a pôr à vista dos nossos leitores:

Sobre a atrofia da produção

«A especulação não concorre menos do que a guerra para atrofiar a produção útil. Em primeiro lugar, ela faz desviar muitos milhares de indivíduos das profissões produtivas para o campo parasitário dos negócios.

Todos queriam, em vez de produzir, enriquecer rapidamente pelo comércio e pela especulação; e por isso assistimos ao espectáculo indecoroso de ver escalonados entre o produtor e o consumidor dezenas de intermediários.

Depois, os grandes especuladores compreendem que só podiam manter os seus lucros exagerados e as suas negociações, provocando a rareficação dos produtos ou fazendo a fome, como se diz em linguagem vulgar.

Foi por isso que eles se consertaram a terminar a guerra, como já notámos, não para impulsionar a produção, mas, pelo contrário, para reduzir ou paralisar!

Tudo indica que a maior parte das fábricas que estão fechadas no nosso país, é devido a essa criminosa tática e combinação.

Sempre as manigâncias, a especulação e o roubo!

Provoca-se a escassez de tudo, fechando-se as fábricas, que é o mesmo que dizer que milhares de operários são votados à miséria, morte pela fome, para que os lucros dos argenteiros sejam mais fabulosos.

Além disso, na agricultura o mesmo crime se pratica. Os senhores da lavoura deixam de mandar cultivar as terras com o trigo ou outros produtos que tanta falta na fazem, aplicando-a a culturas de mais fácil e rápido rendimento, ou então votam-nas ao abandono, semeando uma pequena parte, de cujo produto, pela natural escassez, obtêm o máximo de lucros.

Em tudo a criminosa especulação!

E se as classes produtoras reclamam legitimamente aumento de salário, para poderem enfrentar os preços exorbitantes que as *forças vivas* decretam a seu bel-prazer, são acusadas de pretenderem estorvar a acção patriótica dos da lavoura e do comércio, que dizem querer intensificar a produção do país, quando não fazem mais, como desde sempre o vimos dizendo, que tudo empata para sua conveniência, roubando escandalosamente os magros cobres que os trabalhadores auferem, em troca dum trabalho pesado.

E a fome provocada por toda essa troupe de *patriotas*, ainda que o pretendam negar. E se o operariado apela para o recurso do salário alto a isso é obrigado pela força das circunstâncias, pois ninguém faz caso das suas constantes reclamações para que a carestia da vida seja atenuada, como demonstrado o tem, por mais de uma vez, e a resposta é o seu fuzilamento.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima. — Reuniu o conselho central em conjunto com os delegados das associações aderentes a esta federação, sendo relatadas as demarches realizadas para a solução do conflito das camaradas maquinistas e fogueiros fluviais do Porto.

Foi lido o relatório do delegado ao congresso internacional de Génova, e porque este seja muito extenso, resolveu-se terminar na próxima reunião a sua leitura.

Mais ficou resolvido que delegados desta federação entrevistassem os directores dos Transportes Marítimos do Estado para melhoria de salário aos marinheiros e mogos, criados e cozinheiros, assim como sobre as horas extraordinárias, ficando acordado que o aumento reclamado fosse aceite pelos Transportes do Estado, como ainda se pague aos criados, uma percentagem, se os passageiros forem a mais da lotação; quando sejam 50, recebam 50%, quando forem 100, 100%.

Aos marinheiros serão dadas mais duas horas, quando a navegação for extraordinária, e, quando em portos fundeados, recebem, além das 8 horas, as extraordinárias a dobrar.

A reclamação feita pelos maquinistas e fogueiros do Porto ficou ontem solucionada, no que diz respeito ao cumprimento da lei de 18 de Setembro de 1918, ficando o relativo ao aumento de salário para resolver em conjunto com os armadores. Para essa reunião partem hoje delegados da federação.

Mais ficou resolvido que a cota a contribuir para a federação seja 15\$00 por mês e por cada associação.

Sobre a reclamação feita pelos proprietários de fragatas na capitania contra a Associação de Fragateiros, do que resultou um parecer do sr. capitão de fragata Freitas Ribeiro para que fosse dissolvida esta associação, ficou assente que o conselho central aguardasse a resposta do ministro do trabalho para resolver qual deve ser a atitude a tomar perante essa dissolução.

Foram nomeados delegados para a inauguração da Associação dos Marítimos da Foz do Douro, Porto.

Manufactores de calçado. — Reuniu a comissão administrativa, que previne toda a classe que se encontram à venda, na sede, bilhetes para o passeio a Oeiras.

Apreciei a forma como foram conduzidos os nossos camaradas vindos do Porto, algemados, entre os quais o nosso camarada, militante desta classe, Jerónimo de Sousa, sendo deveras repugnante existirem tais processos jesuíticos dentro duma República Democrática.

Registou com satisfação o auxílio aos camaradas presos por questões sociais, na quele tirada na sessão contra a carestia da vida, que rendeu 11\$40.

Participa-se a toda a classe que o nosso camarada Jerónimo de Souza recebeu visitas, no grupo C, das 12 às 14 horas na sala de entradas, das 9 e meia às 11 e meia.

Sindicato Único da Construção Civil. — Seção profissional de Estudantes. — Reuniu e aprovou as contas da direcção e bandeira, resolvendo convidar os camaradas que tinham que fazer acusações ao camarada Vitor Reis, a virem à sede, na próxima terça-feira, pelas 21 horas. Protestou também contra a forma como as autoridades arranjam criminosos, como acontece com os jovens sindicalistas e bem assim contra o procedimento para com os operários que vieram do Porto algemados. Lamentou que os governantes não se dignassem reparar os depósitos de Cabo Verde. Apreciei também a carestia da vida, e resolveu realizar uma assembleia magna para tratar de tam crítico assunto.

Sindicato Único Metalúrgico. — Na sua reunião de sexta-feira, a comissão administrativa tomou as seguintes deliberações:

Convidar os cobradores que deixaram a cobrança e que ficaram em débito com o sindicato, a entrar com as respectivas importâncias, sob pena de se levar o assunto para a assembleia geral; participar aos sindicatos que estão em atraso de cotas que devem regularizar essa situação, vindo pagar à sede, pois que devido, em parte, à má vontade e desleixo de alguns cobradores é que existem tais atrasos; Avisar o sindicato José Maria Esteves para comparecer na próxima reunião da comissão administrativa, a fim de ser interrogado sobre um assunto que lhe diz respeito; distribuir uma circular a todos os sindicatos, mostrando-lhes a razão e a necessidade do aumento de cota sindical; convocar a assembleia geral para a próxima sexta-feira, para tratar de assuntos que dizem respeito aos interesses da organização e da situação económica da classe ante a carestia da vida; convocar as assembleias gerais nas respectivas secções para o mesmo fim; intimar, pela última vez e por intermédio da *Batalha*, os camaradas Carlos Marques de Oliveira e Acácio Rodrigues, da secção do Palma, a comparecerem na próxima terça-feira, na sede do sindicato; saldar e débito com a comissão administrativa da secção de Palma contraui com a comissão da Construção Civil da mesma localidade; assumir o encargo do pagamento dos bilhetes para o passeio de confraternização que o grupo da construção civil promove à vila de Oeiras; auxiliar os camaradas metalúrgicos recentemente presos com \$500 a cada e com \$100 por dia os que há mais tempo se conservam na prisão; enviar, durante a semana, para todas as oficinas, listas de quotas a favor dos metalúrgicos presos, a fim de aliviar a Caixa de Solidariedade, que luta com falta de recursos, atendendo à exigua percentagem que cabe na cota sindical; aderir ao grande movimento encetado pela C. G. T. e U. S. O. contra a carestia da vida e promover na sede do sindicato e respectivas secções, sessões de propaganda; continuar envidando os seus esforços para se levar à prática, o mais rapidamente possível, o festival na sede e benefício em um teatro da capital, a fim de, com o produto que se colher, auxiliar o funcionamento das aulas e biblioteca e mais melhoramentos no sindicato; marcar a próxima reunião da comissão administrativa, para terça-feira, lembrando a alguns membros da mesma que não devem continuar a fal-

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu o camarada António Luís, impressor, devido a um funeral realizar-se hoje, pelas 15 horas, saindo da Calçada de S. João da Praça, 36, 1.ª.

A Associação dos Impressores Tipográficos convidou todos os associados a acompanhar o funeral.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: D. Emilia Dias de Sá Oliveira, às 15, da Rua Sociedade Farmaceutica; Sr. Vital Pina Monteiro, D. Margarida Tomás Ferreira, às 16,30, do hospital do Rego; António Simões, às 16, D. Maria da Glória, às 15, do hospital de S. José; D. Adelina de Jesus Pereira, às 10, da rua dos Douroalves; D. Maria da Glória, às 17, da rua do Beato, páteo da Quintinha; D. Margarida de Jesus Figueiredo, às 11, da travessa de Santa Quiteria, 44; D. Maria da Luz Pinto, às 16, da Rua da Rosa, 65.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa do Pessoal do Município. — A direcção desta cooperativa informa que desde o dia 11 de Junho não recebe quotas mas que já tem em seu poder uma requisição de 1125 quotas, dinamada do ministério da agricultura, com a data de 28 de Julho e recebida na sede social, sem qualquer motivo porque em 27 p. s. se fez publicar uma notícia referente ao alheamento a que esta entidade estava votada pelas instâncias superiores.

Na sede da mesma cooperativa, no páteo do Geralede, reúne, pelas 14 horas, a assembleia geral desta colectividade a fim de resolver a sua adesão à Federação das Cooperativas e limitar o número de sócios devido às dificuldades de adquirir géneros de primeira necessidade.

Serviço de comboios

Rápido de Lisboa-Medina

Findo sido publicada na imprensa a tabela da criação dum comboio rápido entre Lisboa e Medina, pedem-nos a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses o desmentido de tal notícia, visto não se tratar da criação de qualquer comboio rápido mas sim da criação, em Pamplhosa, do comboio rápido da manha de Lisboa para o Porto e do comboio da Companhia da Beira Alta que liga, em Vilar Formoso, as das linhas espanholas que fazem o serviço para a França, serviço que será anunciado no cartaz-horário em via de publicação o que começará a vigorar no dia 10 de Agosto.

Horário de comboios de Sintra

Desde 31 do corrente e até aviso em contrário, deixa de se efectuar os comboios de Sintra para Lisboa e de Lisboa para Sintra, sendo substituído pelo comboio tramway n.º 1311 cuja marcha a seguir se indica:

Comboio n.º 1311 — 1.ª, 2.ª e 3.ª classes — Lisboa-Rocio, partida, 14,00; Caminho, 14,09; Cruz da Pedra (ap.), 14,13; Domingos (ap.), 14,16; Bemfica, 14,20; Praia, (ap.), 14,25; Amadora, 14,31; Vilar, 14,36; Barcarena (ap.), 14,42; Sintra, 14,48; Rio de Mouro (ap.), 14,57; Alentejo (ap.), 15,01; Algueirão (ap.), 15,05; Sintra, chegada, 15,12.

Comboios para e de Algués

Por motivo da falta de carros eléctricos e caso afluência de passageiros o serviço, a Sociedade Estoril, além dos

O DEPURATIVO DIAS AMADO

Cuidado, muito cuidado!

Nada há mais triste do que um desgastado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pode, fazer um tratamento errado por na sua boa fé ser iludido por qualquer habilidoso que se o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos que por esta circunstância são verdadeiramente desumanos. O verdadeiro específico deste nome, o único que está registado em todos os países da Convenção Internacional de Marcos, é a preparação de António Dias Amado, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose óssea, reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue.

Depósito geral — Casa do autor — Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) — Lisboa. — Telef. 1667.

Porto — Farmácia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327.

CONGRESSO PRIMÁRIO

A comissão delegada do congresso do professorado primário oficial, recentemente reunido em Coimbra, desempenhou-se ontem, junto do ministro da Instrução, do mandato que recebeu daquela assembleia.

